



## **OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR: A DISCIPLINA DE HISTÓRIA E A SUA UTILIDADE PARA VIDA**

Juliana Karol de Oliveira Falcão; Arthur Rodrigues de Lima; Juliana Nascimento de Almeida;  
Auricélia Lopes Pereira.

*Universidade Estadual da Paraíba*

**RESUMO:** Este trabalho é fruto de uma revisão bibliográfica acerca do papel do professor no âmbito educacional, mais especificamente na sala de aula. Vivemos em uma sociedade em que é dada extrema importância ao conteúdo. Devemos sempre saber de tudo e, para isso, é necessário ler bastante. Apesar disso, somos treinados para acumular conteúdos e não somos incentivados a refletir sobre a sua constituição, sobre como ele influencia e nos dá lições de vida. Portanto, para ser um professor de excelência é importante ensinar a questionar e, acima disso, ter a sensibilidade de enxergar o aluno como o ser humano que é provido de sentimentos e lembranças que os comovem e que compõem a sua personalidade. Para tanto, utilizamos autores como Hermann (2001), Mosquera e Stobaus (2001) e Bondía (2002).

**Palavras-chaves:** Educação; História; Professor; Sensibilidade.



## INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é palco de intensas trajetórias de vidas. Cada ser humano que atua neste cenário vive em um universo diferente. Isso porque os acontecimentos que afetam a vida divergem de uma pessoa para outra, seja este professor ou aluno. Por isso, é necessário que a educação invista não apenas no conteúdo, mas sim que traga reflexões para que as pessoas se tornem, com o passar do tempo, mais éticas em seus pensamentos e em seus comportamentos.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo trazer uma discussão acerca de uma educação que prepara para a vida, partindo, pois, de leituras sobre a referida questão. Vivemos em um mundo que busca, praticamente, o tempo todo, separar as pessoas e as coisas em categorias, chegando ao ponto em que até mesmo os sentimentos devem estar separados do envolvimento profissional. Entretanto, é percebido que não buscamos encontrar um equilíbrio emocional entre os sentimentos e as nossas posturas diante da vida, talvez porque esta alternativa seja um caminho pesadoso que exige muita força de vontade de quem o escolhe.

Todas as disciplinas do currículo escolar são de extrema importância para o desenvolvimento do aluno, tanto intelectual quanto emocional, todavia aqui discorreremos enfatizando a disciplina de História e a sua utilidade para vida. Como a História atua influenciando e metamorfoseando o cotidiano dos discentes, o papel do professor no despertar crítico de seus alunos e no combate de posições preconceituosas ou racistas sobre as pessoas, lugares e relações. Podemos perceber, nessa perspectiva, que o que é dito pelo professor produz muitas reações que podem ser boas ou más e somente o docente terá o poder de decidir quais reações ele pretende provocar e manter vivas nos corações daqueles indivíduos que passaram por eles durante a sua carreira educacional.



## **A EDUCAÇÃO QUE PREPARA PARA A VIDA**

Investigar as conjunturas que envolvem a sala de aula exige bem mais do que analisar apenas as metodologias aplicadas pelo docente, implica também em verificarmos o desenvolvimento das relações existentes nas camadas nas quais ela é composta, isto é, as relações interpessoais que coexistem nesse meio. Diante dessa afirmativa, é relevante notar que o professor que produz mais resultados seria aquele que consegue se envolver emocionalmente dentro do âmbito profissional de maneira sadia, visto que, os sentimentos tem o poder de influenciar a maneira na qual as pessoas encaram as situações de sua vida. Mosquera e Stobaus (2001), já chamam a atenção quando dizem que “temos separado de maneira arbitrária e criminal o pensamento do sentimento, a inteligência da capacidade de sentir e viver emoções, valores e atitudes” (MOSQUERA; STOBAUS, 2001, p. 93).

Mas, como ser emocionalmente saudável em um mundo que nos impulsiona a sermos agitados, ansioso e estressados? Como ser um ser humano centrado em um mundo que está o tempo todo descentralizando as pessoas, simplesmente pelo fato de que é exigido o tempo inteiro e que para crescermos temos que transgredir os nossos próprios limites e aos dos outros também? Mosquera e Stobaus (2001), respondem essas questões,

Joraud e Landsman (1987), que são psicólogos humanistas, colocaram que uma pessoa é saudável na medida em que realiza ajustamentos críticos em sua sociedade. Aproveitando esta ideia, diríamos que uma pessoa que desenvolveu a capacidade crítica é porque antes possuía uma capacidade analítica, portanto não é ingênua. Quer dizer, aprendeu a ouvir e ver, realmente, para poder agir de modo mais consciente. (Idem, 2001, p. 96).

Por isso, devemos, nas nossas vidas, aprender a colocar outras pessoas nos centro das nossas atenções, principalmente quando atuamos na docência, onde lidamos com um número vasto de seres humanos. Cada um deles é um ser impar, desconhecido para nós e até mesmo para eles próprios, todos sofreram frustrações, decepções, tristezas, perdas, choraram e



carregam cicatrizes daquilo que os tocou durante ao decorrer de sua existência, então, para poder, minimamente, compreender ou saber lidar com o outro é necessário conhecer essas feridas e a tratá-las com generosidade, ser sensível, ser sutil, ser virtuoso, ser útil ao viver dos alunos. Porém, esta ação virtuosa não é uma tarefa fácil, pois,

O homem virtuoso é aquele que cumpre sua finalidade, de acordo com a natureza. Portanto, é a natureza que fixa a finalidade do homem e assim direciona a ética, o que não significa que não haja dificuldades para realiza a ação virtuosa. Ao contrário, a busca da virtude exige o exercício da vontade e o discernimento racional. É preciso o exercício para se buscar a excelência da virtude. (HERMANN, 2001, p. 28).

A virtude das pessoas está em seus comportamentos e em suas palavras. A virtude do docente também, entretanto ele deve enxergar além, visto que, durante muito tempo os professores viveram, e alguns ainda vivem, com as suas preocupações voltadas para o quanto o seu aluno vai aprender e para com a quantidade de assuntos, conceitos, termos, acontecimentos que serão explanados durante o período letivo. Vivemos na sociedade do “quanto mais, melhor” e do “pouco é pobre”. Muitas vezes, esquecemo-nos de parar, respirar e enxergar o aluno e a nós mesmos como o que realmente somos: seres humanos. Esquecermo-nos de viver com poesia, como leveza, como diria Italo Calvino, e vamos, pouco a pouco, nos metamorfoseando em grupos de estranhos. Empilhando caixas de conteúdos uma após a outra, até virar uma grande bagunça difícil de arrumar. Para evitar o acúmulo do desnecessário a solução são as palavras.

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido



ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso (BONDÍA, 2002, p. 21).

Não devemos esquecer que a palavra é fruto da palavra. Ela não pode ser dita sem cuidados específicos, sem ser pensada, analisada, e entendida enquanto a força que ela irá impulsionar para quem vai ouvi-las. Cada palavra dita e não dita pode projetar uma inumerável séries de resultados. No senso comum costumam afirmar que “uma atitude vale mais que mil palavras”, mas mil palavras podem construir também uma atitude, porque sem as palavras, não pode haver atitudes, pois elas são o combustível que fazem o mundo girar, são elas que fazem dois estranhos se transformem em amigos, são por meio delas que muitas coisas mudam no mundo, seja para o bem, seja para o mau, pois a palavra é força.

## **O PROFESSOR E O ENSINO DE HISTÓRIA**

Na contemporaneidade qual é a realidade do ensino de história? Para que serve? E qual é o seu potencial transformador? Não é possível negar a importância da disciplina de História para a formação de um indivíduo, pois, para pertencer e atuar dentro de uma comunidade é necessário se situar em relação ao passado. Deparamo-nos com um currículo que, cada vez mais, minimiza as horas aulas da disciplina de história, para dar espaço a disciplinas como Português e Matemática, este fato não é bom, porque a História atua como referencial para nossos alunos e deve, por isso, e por mais, ser bem aplicada em sala de aula.

É de inteira relevância que os professores de história entendam que possuem uma grande responsabilidade social para com os seus alunos, tanto enquanto cidadãos quanto como seres humanos. Para tanto, o professor deve sempre estar criando pontes entre o que aconteceu no passado e o que ocorre no presente. O que não significa de nenhuma maneira



atuar procurando o tempo todo justificativas para as práticas do presente, mas sim problematizar comportamentos humanos que fazem parte de atuais contextos sociais, interpretando e questionando ações como desigualdade social, racial, sexual, entre outras, partindo, principalmente, de referências que envolvem questões sociais e culturais. Por isso, “o passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente (caso contrário, estudá-lo fica sem sentido). Portanto, as aulas de História serão muito melhores se conseguirem estabelecer um duplo compromisso: com passado e o presente” (PINSKY, 2003, p.23).

Com isso, o professor deve despertar o interesse do aluno sobre o tema, o que não significa sobrecarregá-lo com um turbilhão de informações sobre o mesmo, mas provocar curiosidade, inquietação – a fim de que ele, por ele mesmo, pesquise e se aprofunde ainda mais sobre o tema – desenvolver nos alunos a compreensão acerca dos conceitos como democracia, cidadania e a sua historicidade, provocar nos alunos o questionamento sobre as visões que os livros didáticos trazem sobre os grupos sociais, criticar as verdades absolutas, demonstrar as diversas faces do preconceito e como conhecê-los a fim de que seja possível a sua crítica de maneira pertinente.

Nosso aluno, cada aluno, tem de se perceber como um ser social, alguém que vive numa determinada época, num determinado país ou região, oriundo de determinada classe social, contemporâneo de determinados acontecimentos. Ele precisa saber que não poderá nunca se tornar um guerreiro medieval ou um faraó egípcio. Ele é um homem de seu tempo, e isso é uma determinação histórica. Porém, dentro do seu tempo, dentro das limitações que lhe são determinadas, ele possui a liberdade de optar. Sua vida é feita de escolhas que ele, com grau maior ou menor de liberdade, pode fazer, como sujeito de sua própria história e, por conseguinte, da História Social de seu tempo. (Idem. 2003, p.28).

Devemos buscar a utilidade da História para a vida. Portanto, para manter uma relação saudável com a história é preciso prestar a atenção em nossa relação com a memória, ou seja,



saber esquecer e saber lembrar os acontecimentos nos momentos devidos. Esta personalidade deve ser, desse modo, histórico e a-histórico, poderá lembrar e esquecer. Porque a vida necessita de História em todos os seus pontos e em todas as suas circunstâncias. A história esta impregnada em cada poro do nosso corpo, porque cada pessoa é participante da história, direta ou indiretamente, cada um de nos somos tocados e nos transformamos, por meio dos acontecimentos nos quais somos envolvidos. Já afirma José Carlos Reis (2011):

Para demonstrar a utilidade da história para a vida, Nietzsche compara a relação que homens e animais mantêm com a memória. Ele constrói a imagem de um rebanho que pasta, sem distinguir o ontem e o hoje. [...] O animal está ligado de maneira fugaz ao seu prazer e desprazer em seu instante, sem tédio e melancolia. Embora se vanglorie de sua humanidade perante o animal, o homem inveja a sua felicidade. [...] O animal vive feliz porque vive a-historicamente [...]. O homem não sabe esquecer e está sempre preso ao que passou. Cada instante é trazido pela memória, e o homem diz: eu me lembro (REIS, 2011, p. 180).

Lutamos o tempo todo com aquilo que já se passou, com um passado que nos incomoda e nos recorda dos nossos erros vãos e graves, com um passado que atormenta nossas noites de sono, seja este passado privado (particular) ou público (passado histórico). Tendo em vista as argumentações aqui colocadas, se faz necessário, em certos momentos da vida, o esquecimento, para que o homem possa manter uma boa relação com o tempo e, assim possa também, dormir tranquilo o sono dos justos, pois, homem que não esquece não sessa de se martirizar. Por conseguinte, devemos conhecer a nos mesmos e sermos capazes de reconhecer a nossa identidade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi posto podemos considerar que ser professor exige mais que um título, é necessário que o docente esteja sempre um passo a frente do aluno, que preste sempre atenção no que acontece e nas forças que impulsionam os comportamentos e as situações que se fazem presentes no contexto escolar, simplesmente porque educar não é apenas passar conteúdos atrás de conteúdos, mas sim é preparar para a vida, para as vitórias, para as derrotas e frustrações. Ensinar é despertar olhares que enxergam além... do que é visto, do que está posto e do que é dito.

O ensino, principalmente no que se refere ao da disciplina história, encontra-se em sérias dificuldades, visto que, a sua carga horária está cada vez menor. Para muitas pessoas o ensino de história não tem importância, claro que esse posicionamento de alguns é baseado em um senso comum vulgar, tendo em vista que, o professor de história tem uma grande relevância enquanto responsabilidade social, pois ele tem como objetivo formar cidadãos críticos.

A história deve ter utilidade para a existência e, para isso, temos que mostrar o sentido que existe em cada conteúdo explanado na sala de aula. Ela é muito importante, porque a vida de todos nos é feita de/e para construir a História. Devemos aprender a esquecer e a lembrar, devemos manter uma relação saudável com a História, com os outros e com nos mesmos. A História nos move. E a História não tem ponto final, vamos ser professores que deixam reticências, que deixam possibilidades, porventura, que produzam sujeitos que busquem outras trajetórias, que surpreendam.



## REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2002. (Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas).

HERMANN, Nadja. Ética e educação: uma relação originária. In: **Pluralidade e ética em Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBAUS, Claus Dieter. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade. In: **Ser professor**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.

REIS, José Carlos. A filosofia da História em Nietzsche. In: **História da “consciência histórica” ocidental contemporânea**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.